

1ª feira paulista de opinião

o teatro de arena de são paulo

apresenta:

o que pensa você DO BRASIL DE HOJE?



TEATRO DE ARENA

apresenta

**1.ª FEIRA PAULISTA
DE OPINIÃO**

A matéria redacional deste programa é de inteira responsabilidade da Companhia encenadora do espetáculo — o Teatro de Arena de São Paulo.

Tema:

**QUE PENSA VOCÊ DO BRASIL
DE HOJE?**



QUE PENSA VOCÊ DA ARTE DE ESQUERDA?

AUGUSTO BOAL

Os reacionários procuram sempre, a qualquer pretexto, dividir a esquerda. A luta que deve ser conduzida contra eles é, às vezes, por eles conduzida no seio da própria esquerda. Por isso, nós — festivos, sérios ou sizudos — devemos nos precaver. Nós que, em diferentes graus, desejamos modificações radicais na arte e na sociedade, devemos evitar que diferenças táticas de cada grupo artístico se transformem numa estratégia global suicida. O que os reacionários desejam é ver a esquerda transformada em saco de gatos; desejam que a esquerda se derrote a si mesma. Contra isso devemos todos reagir: temos o dever de impedi-lo.

Porém, a pretexto de não dividir, não temos também o direito de calar nossas divergências. Pelo contrário: as diferentes tendências da nossa arte atual serão melhor entendidas através do cotejo de metas e processos. Isto é necessário, principalmente neste momento em que toda a arte de esquerda enfrenta a necessidade de recolocar os seus processos e as suas metas. O choque entre as diversas tendências não deve significar a predominância final de nenhuma, já que todas devem

ser superadas, pois foram também superadas as circunstâncias políticas que as determinaram, cada uma no seu momento.

Dentro da esquerda, portanto, toda discussão será válida sempre que sirva para apressar a derrota da reação. E que isto fique bem claro: a palavra “reação” não deve ser entendida como uma entidade abstrata, irreal, puro conceito, mas, ao contrário, uma entidade concreta, bem organizada e eficaz. “Reação” é o atual governo oligarca, americanófilo, pauperizador do povo e desnacionalizador das riquezas do país; “reação” são as suas forças repressivas, caçadoras de bruxas, e todos os seus departamentos, independentemente de farda ou traje civil; é o SNT, o INC, é a censura federal, estadual ou municipal e todas as suas delegacias; são os critérios de subvenções e proibições; e são também todos os artistas de teatro, cine ou TV que se esquecem de que a principal tarefa de todo cidadão, através da arte ou de qualquer outra ferramenta, é a de libertar o Brasil do seu atual estado de país economicamente ocupado e derrotar o invasor, o “inimigo do gênero humano”, segundo a formulação precisa de um pensador latino-americano recentemente assassinado.

Assim, antes que a esquerda artística se agrida a si mesma deve procurar destruir todas as manifestações direitistas. E o primeiro passo para isso é a discussão aberta e ampla dos nossos principais temas. Isto, a direita não poderá jamais fazer, dado que a sua característica principal é a hipocrisia.

O REPERTÓRIO E O MERCADO

O repertório de obras de arte atualmente servido ao público está deteriorado. Grande é o número de artistas que finge ignorar este fato: esta ignorância, verdadeira ou fingida, é crime. Em teatro, são criminosos os elencos cuja preocupação principal consiste em quitessemente ganhar alguns cobres servindo aos apetites mais rasteiros das platéias tranquilas; são criminosos todos aqueles que servilmente ficam atentos à última moda parisiense, ao último lançamento londrino — isto é, aqueles que renunciam à sua cidadania artística brasileira e se transformam em repetidores da arte alheia; são criminosos aqueles que apresentam sempre e apenas visões róseas do mundo através dos universos feéricos das peças de boulevard, ou do psicologismo anglo-saxônico que tende a reduzir os mais graves problemas sociais e políticos a desajustes neuróticos de uns poucos cidadãos. São criminosos os fabricantes irresponsáveis de comédias idiotas que, segundo a publicidade, “até parecem italianas”. Estes são criminosos e não são artistas, porque arte é sempre a manifestação sensorial da verdade e não estará dizendo a verdade o artista que constantemente ignore a guerra de genocídio do Vietnã, que ignore o lento assassinato pela fome de milhões de brasileiros no Norte, no Sul, no Centro, no Nordeste e no Centroeste — estas são verdades nacionais e humanas que nenhuma mensagem presidencial, por mais esperta que seja, fará esquecer.

Por que são tantos os grupos teatrais que se dedicam ao teatro apodrecido, ao teatro da mentira, corruptor? Tirante os pulhas por convicção, existem também os pulhas por comodismo. Os primeiros acreditam na conquista do mercado, ainda que para isso seja necessário produzir “sob medida” para o rápido consumo. Se o mercado consome cocaína escreva-se a la Tennessee Williams... O mercado é o demiurgo da arte — este lugar comum já foi destruído por Roberto Schwarz (Teoria e Prática, n.º 2) onde observa que, entre o artista e o consumidor, numa sociedade capitalista, insere-se o mediador-capital, o mediador-patrocinador. O dinheiro, este sim, é o verdadeiro demiurgo do gosto artístico posto em prática.

O mercado consumidor de teatro é, em última análise, o fator determinante do conteúdo e da forma da obra de arte, da arte-mercadoria. E esse mercado, nos

principais centros urbanos do país, é formado pela alta classe média, e daí para cima. O povo e a sua temática estão aprioristicamente excluídos. Este fato grave tem deformado a perspectiva criadora da maioria dos nossos artistas que se atrelam aos desejos mais imediatos da “côrte burguesa”, da qual se tornam servís palhaços, praticando um teatro de classe, isto é, um teatro da classe proprietária, da classe opressora. A consequência lógica é uma arte de opressão.

Assim, o primeiro dever da esquerda é o de incluir o povo como interlocutor do diálogo teatral. E, quando falo povo, mais uma vez falo concretamente: “povo” é aquela gente de pouca carne e osso que vive nos bairros e trabalha nas fábricas, são aqueles homens que lavram a terra e produzem alimentos e são aqueles que desejam trabalhar e não encontram emprêgo. Nenhum destes frequenta os teatros das cinelândias e, portanto é necessário fazer com que o teatro freqüente os circos, as praças públicas, os estádios, os adros, os descampados em cima de caminhões. A inclusão sistemática dessas platéias fará mudar o conteúdo e a forma do teatro brasileiro. Não basta que o Teatro de Arena de São Paulo e outros poucos elencos se disponham a fazê-lo como têm sempre feito: é necessário que toda a esquerda o faça, e que o faça constantemente.

Este não é um trabalho fácil. Antigamente os Centros Populares de Cultura realizavam tarefas admiráveis no setor artístico e cultural: espetáculos, conferências, cursos, corais, alfabetização, cinema etc. Os reacionários, porém, escandalizaram-se com o fato de que também o povo gostava de teatro, gostava de aprender a ler, etc. Os CPCs foram liquidados e os responsáveis por esse crime continuam no bem bom.

O teatro é demasiadamente bom para o povo e justamente por isso todos os governos excluem, cuidadosamente, a verdadeira popularização do teatro dos seus planos de auxílio. Em geral, dá-se dinheiro para que os preços caiam de 7 para 3 cruzeiros — as chamadas temporadas populares são apenas uma das muitas mistificações governamentais. São tão hipócritas como as quinzenas populares promovidas por boutiques de artigos importados. Rouba-se ao povo até mesmo o uso da palavra “popular”. E o máximo que se tem conseguido fazer é incluir os estudantes nas platéias: esta é uma condição necessária para se vitalizar o teatro, mas não é suficiente. Se um teatro propõe a transformação da sociedade deve propô-lo a quem possa transformá-lo: o contrário será hipocrisia ou gigolotagem.

O BERRO

No dia 1.º de abril de 1964 o teatro brasileiro foi violentado — e com êle toda a nação. Os tanques tomaram o poder. Alguns setores na atividade nacional rapidamente se acomodaram à nova situação de força. O teatro, por sorte, e durante algum tempo, reagiu unânime e enérgicamente à ditadura camuflada. A violência militar foi respondida com a violência artística: “Opinião”, “Eletra”, “Andorra”, “Tartufo”, “Arena Conta Zumbi”, e muitas outras peças procuravam agredir a mentira triunfante. Variava a forma, o estilo, o gênero, mas a essência era a mesma exortação, o mesmo berro: esta era a única arma de que dispunha o teatro. As forças populares estavam desarmadas e não puderam assim, com arte apenas, vencer as metralhadoras.

Depois de algum tempo, a esquerda teatral pareceu cansar-se e quebrou-se sua homogeneidade. Uma parte guinou de vez para a direita e surgiu uma tendência francamente adesista: diante da opção de continuar ou desistir, houve gente que preferiu compor-se. O Grupo Decisão, por exemplo, tinha apresentado uma valente

versão de "Eletra". Depois desapareceu para surgir modificado na versão acovardada de "Boa Tarde, Excelência", que a terra lhe seja pesada.

Os teatros que, bem ou mal, continuaram, dividiram-se em três linhas principais. No último ano essas três tendências ficaram bem marcadas, nítidas e evidentes. As três devem agora ser superadas. Isto deve ser feito não através da luta das três tendências entre si, mas sim através da luta desse conjunto contra o teatro burguês.

O NEO-REALISMO

A primeira linha do atual teatro de esquerda é constituída por peças e espetáculos cujo principal objetivo é mostrar a realidade como ela é; peças que analisam a vida dos camponeses, dos operários, dos homens, procurando sempre o máximo de veracidade na apresentação exterior de locais, hábitos, costumes, linguagem, e interior de psicologia. Este neo-realismo tem no momento em Plínio Marcos o seu principal cultor. Foi neste gênero também que se iniciaram em dramaturgia alguns dos nossos melhores dramaturgos, como Guarneri, Vianna Filho, Jorge Andrade, Roberto Freire e outros.

O realismo enfrenta, de início, um obstáculo principal: o diálogo não pode transcender nunca o nível de consciência do personagem; este nada dirá ou fará que não possa ser feito ou dito na realidade desse próprio personagem. E como na maioria dos casos, os camponeses, operários ou lumpens retratados não têm verdadeira consciência dos seus problemas — daí resulta que os espectadores ficam empaticamente ligados a personagens que ignoram sua verdadeira situação e os verdadeiros meios de superá-la. Essas peças, portanto, tendem a transmitir apenas mensagens de desespero, perplexidades e dores.

Anatol Rosenfeld ressaltou que este tipo de peça tende a criar uma espécie de "empatia filantrópica": o espectador, por assistir a miséria alheia julga-se absolvido do crime de ser êle também responsável por essa miséria. E isto porque o espectador chega a sentir vicariamente a miséria alheia: o espectador também sofre terríveis dores morais, embora comodamente refestelado numa poltrona.

Espectáculos deste tipo correm o risco de realizarem a mesma tarefa da caridade em geral e da esmola em particular: a esmola é o preço da culpa.

Porém é igualmente certo que o dramaturgo pode criar personagens mais conscientes, ou personagens cuja conduta possa ser classificada de "exemplar". Isto muitas vezes já aconteceu, como, por exemplo, ocorre em "Eles Não Usam Black-tie", de Guarneri, onde o protagonista Otávio se comporta como proletário absolutamente consciente dos problemas da sua classe. Na dramaturgia brasileira, porém, esta não é a regra. Mas não se pode, por outro lado, esquecer que o realismo cumpriu e cumpre tarefa de extrema importância ao retratar a vida brasileira, ainda que esta importância seja mais documental do que combativa. E, nos dias que correm, o teatro brasileiro carece de maior combatividade.

SEMPRE DE PÉ

A segunda tendência é caracterizada, especialmente, pelo recente repertório do Arena e, em especial, pelo gênero "Zumbi". É a tendência exortativa. Utiliza uma fábula do gênero "lôbo e cordeiro", brancos e pretos, senhores feudais (grileiros) e vassalos (posseiros), etc., e através dessa fábula se esquematiza a realidade nacional, indicando-se os meios hábeis para a derrubada da ditadura, a instauração de uma nova justiça, e outras coisas lindas e oportunas. Insta-se a platéia a derubar a opressão e até aí nada mal; o pior, no entanto, é que via de regra essas

mesmas platéias são os verdadeiros esteios dessa mesma opressão. Espetáculos desse tipo, ao enfrentarem platéias desse tipo, defrontam-se com a surdez. O teatro “sempre de pé” só tem validade no convívio popular.

A exortação, os processos maniqueístas, as caracterizações de “grosso modo”, as simplificações analíticas gigantescas, foram também constantes nos espetáculos dos CPCs. Esta é a linguagem do teatro popular. A verdade não era nunca tergiversada — apenas a sua apresentação era simplificada.

A técnica maniqueísta é absolutamente indispensável a este tipo de espetáculo. Os repetidos ataques ao maniqueísmo partem sempre de visões direitistas que desejam, a qualquer preço, insintuir a possibilidade de uma terceira posição, da neutralidade, da isenção, da equidistância, ou de qualquer outro conceito mistificador. Na verdade, sabemos que existe o bem e o mal, a revolução e a reação, a esquerda e a direita, os explorados e os exploradores. Quando a direita pede “menos” maniqueísmo, está na verdade pedindo que se apresente no palco também o lado bom dos maus e o lado mau dos bons — pede que se mostre personagens que sejam bons “e” maus, da direita “e” da esquerda, revolucionários-reacionários, a favor “mas” muito antes pelo contrário. Pede que se mostre que os ricos também sofrem e que “the best things of life are free” como diz a canção (adivinha!) americana. Peden que se mostre que todos os homens são iguais quando nós pretendemos repetir pela milionésima vez que o ser social condiciona o pensamento social. Pede que se afirme que, já que todos os homens são simultaneamente bons e maus, devemos todos entrar para o rearmamento moral e começar a nossa purificação simultaneamente: torturados e torturadores devem simultaneamente purificar seus espíritos antes de cada sessão de tortura.

Que isto fique bem claro: a linha “sempre de pé”, suas técnicas específicas, o maniqueísmo e a exortação — tudo isto é válido, atuante e funcional, politicamente correto, para frente, etc., etc., etc., etc. Ninguém deve ter pudor de exaltar o povo, como parece acontecer com certa esquerda envergonhada. O fato de Castro Alves ser um poetinha apenas na base do mais ou menos não anula a validade de versos libertários. Mas, igualmente, não se deve nunca esquecer que o verdadeiro interlocutor deste tipo de teatro é o povo, e o local escolhido para o diálogo deve ser a praça.

CHACRINHA E DERCY DE SAPATO BRANCO

A terceira linha é o tropicalismo chacriniando-dercinesco-néo-romântico. Seus principais teóricos e práticos não foram até o momento capazes de equacionar com mínima precisão as metas deste modismo. Por esse motivo muita gente entrou para o “movimento” e fala em seu nome e fica-se sem saber quem é responsável por quais declarações. E estas vão desde afirmações dúbias do gênero “nada com mais eficácia política do que a arte pela arte”, ou “a arte solta e livre poderá vir a ser a coisa mais eficaz do mundo”, passando por afirmações grosseiras do tipo “o espectador reage como indivíduo e não como classe” (fazendo supor que as classes independem dos homens e os homens das classes), até proclamações verdadeiramente canalhas do tipo “tudo é tropicalismo: o corpo de Guevara morto ou uma barata voando para trás de uma geladeira suja” (“O Estado de São Paulo”, reportagem “Tropicalismo não Convince”, 30/4/68). O primeiro tipo de afirmação só pode partir de quem nunca fez teatro para o povo, na rua, e portanto, prisioneiro de sua platéia burguesa, vociferá. Mas ao mesmo tempo resvala perigosamente para o reacionarismo quando (sem perceber que seus interlocutores são apenas e tão somente a

burguesia) pede ao teatro burguês que incite a platéia burguesa a tomar iniciativas individuais... Ora, isto é precisamente o que a burguesia tem feito desde o aparecimento da virtú até Hitler, Mr. Napalm e LBJ. Mr. and Mrs. são incondicionais e ardorosos defensores da iniciativa individual, ultrapessoal e privada.

O tropicalismo, dado que pretende ser tudo e pois não é nada, apesar do seu caráter dúbio teve pelo menos a virtude de fazer com que o teatro Oficina deixasse de ser um museu de si mesmo, carregando eternamente seus pequenos burgueses e quatro num quarto, de fazer surgir a pouco explorada invenção do portunhol, e teve sobretudo a vantagem de propôr a discussão, ainda que em bases anárquicas.

Ainda assim, por mais multifário que seja o movimento, algumas coordenadas são comuns a quase todos os chiquitos bacanos — e justamente estas características mais ou menos comuns são retrógradas e anti-povo:

1. o tropicalismo é néo-romântico — todo ressurgimento do romantismo baseia-se no ataque às aparências da sociedade; agride a usura desumana (o que faz supôr a usura humanizada), agride os burgueses pederastas (excluindo assim os garanhões) e as burguesas lésbicas (excluindo as bemaventuradas). Agride o predicado e não o sujeito.
2. o tropicalismo é homeopático — pretende destruir a cafonice endossando a cafonice, pretende criticar Chacrinha participando dos seus programas de auditório. Porém, a participação de um tropicalista num programa de Chacrinha obedece a tôdas as coordenadas do programa e não às do tropicalista — isto é, o cantor acata docilmente as regras de jôgo do programa sem, em nenhum momento, modificá-las: veste-se à maneira do programa, canta as músicas mais indicadas para esse tipo de auditório dopado, e, finalmente, se essa platéia já está habituada a ganhar repolhos o cantor mais sutilmente atira-lhe bananas.
3. o tropicalismo é inarticulado — justamente porque ataca as aparências, e não a essência da sociedade, e justamente porque essas aparências são efêmeras e transitórias, o tropicalismo não se consegue coordenar em nenhum sistema — apenas xinga a côr do camaleão. Seus defensores conseguem, apenas, alegar vagos desejos de “espinafrar”, desejos de saltarem em “abismos vertiginosos”, ou mais moderadamente declaram que “não há nada a declarar”.
4. o tropicalismo é tímido e gentil — pretende “épater” mas consegue apenas “enchanter les bourgeois”. Quando um ou outro cantor se veste de roupão colorido isso me parece falta de audácia. Eu vou começar a acreditar um pouco mais nesse movimento quando um tropicalista tiver a coragem de fazer o que Beaudelaire já fazia no século passado: andava com os cabelos pintados de verde e uma tartaruga colorida atada por uma fitinha côr de rosa. No dia em que um dêles fizer coisa parecida é capaz até de dar uma boa dor de cabeça a algum policial... (Será sem dúvida uma contribuição para a revolução brasileira)...
5. o tropicalismo é importado — desde o desenvolvimentismo de JK, quando apareceu o cinema nôvo, a bossa-nova e a nova dramaturgia brasileira, desde então o Brasil não importava arte. Agora, em cinema, é comum assistir filmes dirigidos por Vincent Minelli (ou quase) para a MGM, coisas do gênero “Garôta de Ipanema”; em teatro assiste-se à avalanche inglesa misturada com a crueldade provinciana copiada de Grotowsky-Living Theatre, e em música, depois do iê-iê-iê vemos a maioria dos nossos cantores procurando fantasias e até Roberto Carlos, que já era o símbolo acabado da mais burra alienação, volta da Europa com os óculos e os bigodes de Jack Lennon.

Estas são as características do tropicalismo — de tôdas, a pior, é a ausência de lucidez. E esta ausência permite que qualquer um fale em nome de todos, chegando mesmo a aberrações do tipo da reportagem citada. Ora, Che Guevara significa, a um só tempo, um exemplo de luta e um método de conduzir essa luta. Se alguém afirma que o corpo do Che é tão tropical como uma barata voando estará apenas revelando o seu próprio caráter cafageste e reacionário. Mas como dentro do tropicalismo ninguém define sua própria posição, qualquer imbecil de vista curta, ao balbuciar cretinices como essa, pretende falar em nome de todo o conjunto de hawaianos — e estará efetivamente falando até o momento em que algum tropicalista trace os limites do estilo que adotou.

Esta terceira tendência do teatro brasileiro atual é a mais caótica e é, também, aquela que, tendo sua origem na esquerda mais se aproxima da direita. Sabemos que os seus principais integrantes não renunciam à condição de artistas portavozes do povo. Mas não ignoramos, também, o perigo que corre todo e qualquer movimento que teme definições.

E AGORA?

Por estas vias tem-se manifestado a esquerda. Os transitórios possuidores dos canhões abriram seu jôgo. Os políticos que ainda não caíram dos seus respectivos galhões estão compostos com os que mantém o dedo no gatilho. Nenhuma perspectiva de diálogo se abre, principalmente porque não existe língua comum. As classes são compartimentos estanques — nunca o foram tanto. Os reacionários simplificaram seu jôgo: tôdas as aparências de democracia foram desmistificadas por êles próprios. Sabe-se agora como é fácil para os opressores viverem na legalidade, defenderem a legalidade, já que são êles próprios os fabricantes da legalidade. Não foi o povo que fabricou atos institucionais e leis complementares. Além do arbítrio de fabricar leis, decretos e outros dispositivos, como se tal não bastasse, decidiu o governo ser mais sutil e resolver seus problemas estudantis e operários com as patas dos cavalos, os cassetetes e as balas. Maniqueísta foi a ditadura. Contra ela e contra os seus métodos deve maniqueísticamente levantar-se a arte de esquerda no Brasil. É preciso mostrar a necessidade de transformar a atual sociedade; é necessário mostrar a possibilidade dessa mudança e os meios de mudá-la. E isto deve ser mostrado a quem pode fazê-lo. Basta de criticar as platéias de sábado — deve-se agora buscar o povo.

Os caminhos atuais da esquerda revelaram-se becos diante do maniqueísmo governamental. Já nada vale autoflagelar-se realisticamente, exortar platéias ausentes ou vestir-se de arco-íris e cantar chiquita bacana e outras bananas. Necessário, agora, é dizer a verdade como é.

E como dizê-la? E mais: como sabê-la? Nenhum de nós, como artista, reúne condições de, sozinho, interpretar nosso movimento social. Conseguimos fotografar nossa realidade, conseguimos premonitóriamente vislumbrar seu futuro, mas não conseguimos surpreendê-la no seu movimento. Isto nós não o conseguimos sozinho, mas talvez possamos logrâ-lo em conjunto. É necessário pesquisar nossa realidade segundo ângulos e perspectivas diversas: aí estará seu movimento. Nós, dramaturgos, compositores, poetas, caricaturistas, fotógrafos, devemos ser simultaneamente testemunhas e parte integrante dessa realidade. Seremos testemunhas na medida em que observarmos a realidade e parte integrante na medida em que formos observados. Esta é a idéia da 1.^a Feira Paulista de Opinião.

O Teatro de Arena de São Paulo sabe ser necessária a superação da atual realidade artística: o simples conhecimento verdadeiro dessa realidade estará criando uma nova realidade. Será um passo muito simples, mas será um passo no sentido certo, no único sentido, pois o único sentido é a verdade. E a verdade será a Feira.

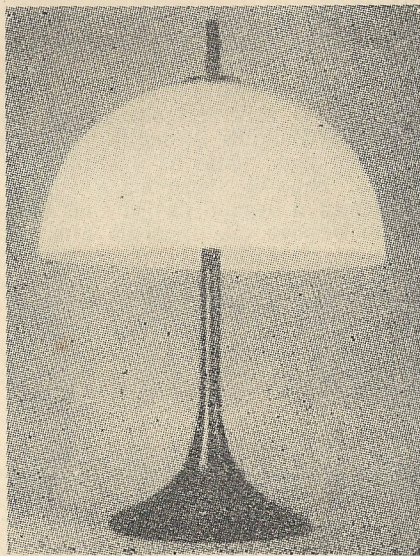
P.S. — Nós distinguimos, mas a direita não:

São Paulo, 5 de Junho (URGENTE) — A Censura Federal efetuou 84 cortes no texto da “FEIRA PAULISTA DE OPINIÃO”, que consta de 63 páginas. A Polícia Marítima cercou por duas vezes o teatro para impedir a realização do espetáculo.

São Paulo, 18 de Julho (URGENTE) — Elementos não identificados invadiram e depredaram o Teatro Galpão onde vem sendo representada a peça “Roda Viva” de Chico Buarque de Hollanda, julgada atentatória à moral e à propriedade privada.

São Paulo, 4 de Agosto (URGENTE) — Interpretes das peças de Plinio Marcos, “Dois Perdidos Numa Noite Suja” e “Navalha na Carne” foram ameaçados de morte por cartas anônimas deixadas à porta dos respectivos teatros.

iluminação moderna



dominici
os lustres de alta classe!

são paulo: rua 13 de maio, 53
rio - copacabana: rua figdo. magalhães, 285-c
belo horizonte: av. augusto de lima, 335

1.ª Feira Paulista de Opinião

Tema: QUE PENSA VOCÊ DO BRASIL DE HOJE?

1.º ATO

- | | |
|------------------------------------|-------------------------|
| 1 — TEMA | Edu Lobo |
| 2 — ENQUANTO O SEU LOBO NÃO VEM | Caetano Veloso |
| 3 — O LÍDER | Lauro Cesar Muniz |
| 4 — É TUA A HISTÓRIA CONTADA? | Braulio Pedroso |
| 5 — ME. E. U. U. BRASIL BRASILEIRO | Ary Toledo |
| 6 — ANIMÁLIA | Gianfrancesco Guarnieri |

2.º ATO

- | | |
|---|----------------|
| 7 — ESPIRAL | Sérgio Ricardo |
| 8 — A RECEITA | Jorge Andrade |
| 9 — VERDE QUE TE QUERO VERDE | Plinio Marcos |
| 10 — MISERERE | Gilberto Gil |
| 11 — A LUA MUITO PEQUENA E A CAMINHADA PERIGOSA | Augusto Boal |

O ELENCO:

Renato Consorte, Rolando Boldrin, Cecília Thumim, Luis Serra, Zanoni Ferrite, Luis Carlos Arutin, Ana Mauri, Paco, Edson Soler, Martha Overbeck.

E MAIS:

- | | |
|------------------------|--------------------------------|
| Cenografia | Marcos Weinstock |
| Direção musical | Carlos Castilho |
| Produção da Montagem | Antônio Ronco. Carmem Elias |
| Eletricista | José Pedro Fernandez Sainz |
| Contra-Regra | Pedro Tadeu Soares (Bolinha) |
| Sonoplastia | Sergio Jakobwitz |
| Produção do Espetáculo | Ruth Simis |
| Direção Artística | Augusto Boal |

ENQUANTO SE LOBO NÃO VEM

CAETANO VELOSO

Vamos passear na floresta escondida meu amor
vamos passear na Avenida
vamos passear nas veredas do algo meu amor
há uma cordilheira sôbre o asfalto
a estação primeira de Mangueira passa e ruas largas
passa por debaixo da Avenida Presidente Vargas
Presidente Vargas
Presidente Vargas
Presidente Vargas

Vamos passear nos Estados Unidos do Brasil
Vamos passear escondidos
Vamos desfilar pela rua onde Mangueira passou
vamos por debaixo das ruas
debaixo das bombas, das mangueiras, debaixo das botas
debaixo das rosas, dos jardins, debaixo da lama
debaixo da lama
debaixo da lama
debaixo da lama

ESPIRAL

SÉRGIO RICARDO

Autoridade, se é por força eu conto a história
desafogo esta memória na mais sêca falação.

De minha roça nem sequer sobrou semente
foi se embora tôda gente uns na terra
outros a pé.

Dos que foram, uns ficaram na cidade
outros na grande saudade enraizada pelo chão.

Dos da cidade, poucos foram se salvando,
muitos se desintegrando em venérea puluição.

Deram se os salvos, uns pra escola afortunados
outros tantos são soldados a serviço da nação.

Dos beabados uns chegaram à faculdade
outros na necessidade fêz rendecocas ao patrão.

Quatro doutores, dois deles se aburguesaram,
outros dois se revoltaram com destino dos
irmãos.

Dos revoltados êste poeta protestando e o outro
silenciando seu sumiço, pelo chã.

Dos que sumiram muitas histórias são contadas,
mas meu canto de poeta traz melhor explicação
digo em meu canto que levou nova semente
deu raiz em muita gente uns na terra outros
a pé

Voltou pra paz e plantar com saudade
lá te espera a autoridade, com um cravo
branco na mão.

TONADA DE MANUEL RODRIGUES

Letra de PABLO NERUDA

Música de Vicente Bianchi

Señora dicen que donde
mi madre dice dijeron
el agua y el viento dicen
que vieron al guerrillero.

puede ser un obispo,
puede y no puede:
puede ser solo el viento
sobre la nieve.
sobre la nieve, ay, si,
madre no mires,
que viene galopando
Manuel Rodrigues.

Yá viene el guerrillero
por el estero.

Saliendo de Meliquilla
cruzando por Talacante
pasando por San Fernando
amaneciendo en Pomaires.

Pasando por Yancagua
por San Rosendo
por Cauquenes, por Chena,
por Nacimiento,
por Nacimiento ay! si,
desde Chiricue
de todas partes viene
Manuel Rodrigues.

Fasale este clavel,
vamos con él.

Que se apaguen las guitarras
que la Patrai está de duelo.

Nuestra tierra se oscurece
mataron al guerrillero.

En Pilquín lo mataron
los asesinos.
Su espalda está sangrando
sobre él camino.
Sobre el canino, ay! si,
quién lo diría,
él que era nuestra sangre,
nuestra alegría.

La tierra está llorando,

(Esta é a canção incluída em
A LUA MUITO PEQUENA E A CA-
MINHADA PERIGOSA)

MISERERE

GILBERTO GIL

Misésereré nobis
ora ora pronobis
é no sempre será o ia ia
é no sempre serão

Já não somos como na chegada cagados e magros
esperando o jantar na borda do prato regime
da santa as espinhas do peixe de volta pro mar — bis

Misésereré nobis
ora ora pronobis
é no sempre será o ia ia
é no sempre serão

Tomara que um dia um dia seja para todos e sempre
a mesma cerveja
Tomara que um dia, dia, um dia não, na mesa da gente
tem banana e feijão.

Misésereré nobis
ora ora pronobis
é no sempre será o ia ia
é no sempre serão

Já não somos como na chegada, o sol é claro nas
águas quietas no mangue derramemos vinho no
linho da mesa molhada de vinho e manchada de
sangue, molhada de vinho e manchada de sangue

Misésereré nobis
ora ora pronobis
é no sempre será o ai ai
é no sempre será o ia ia

Me e abra si ilesil, fe u fuse ilesil, ce acá
me a cá tiuão — ora pronobis, ora pronobis
Misésereré nobis

**SE VOCÊ DESEJA PARTICIPAR DA 1.ª FEIRA PAULISTA DE
OPINIÃO EXISTEM VÁRIAS MANEIRAS:**

- 1 — ENVIANDO UM QUADRO
- 2 — ENVIANDO UMA ESCULTURA
- 3 — ENVIANDO UMA CARICATURA
- 4 — ENVIANDO UMA FOTOGRAFIA
- 5 — ENVIANDO UM CARTAZ
- 6 — ENVIANDO UM POEMA
- 7 — ENVIANDO UMA FRASE OU PARÁGRAFO
- 8 — ENVIANDO UM ENSAIO
- 9 — ENVIANDO UMA PEÇA
- 10 — ENVIANDO UMA CANÇÃO

**1.ª FEIRA
PAULISTA
DE
OPINIÃO**

Uma produção do TEATRO DE ARENA DE SÃO PAULO
no TEATRO RUTH ESCOBAR

Teatro de Arena

AGRADECE ÀS SEGUINTE
PESSOAS E ORGANIZAÇÕES

Snr. Abel de Barros Lima
Snr. Chaim Trajber
Snr. Flávio Carelli
Snra. Gabriella Pascolatto
Snr. José Serber
Snr. Luís Almeida Araújo
Snr. Mário Boreggio
Snr. Nélson Leirner
Snra. Zilda Grimberg
Atelier — Móveis
Israel Febrot
Faúna Brasil
Imperial Extra
Ballet do Centro

CASA BOREGGIO LTDA.

Perucas de Araci — Mirian —
Cecília — Fagundes

INDÚSTRIA DE CALÇADOS DUDUCHI

forneceram todos os calçados

ROUPAS HETRA

forneceram as roupas profissio-
nais

TECIDOS DE ALTA MODA SANTA CONSTÂNCIA

Os vestidos de Miriam — Ceci-
lia — Araci são confeccionados
com tecidos da Santa Constân-
cia

LANOVER S. A.

Os atores e as atrizes usam con-
fecções de malha Lanover

VILA ROMANA

Ind. de Confecções Vila Romana
S. A. Os atores usam ternos Vila
Romana

A OCULISTA

Ind. e Com. de Opticas Ltda.
forneceu os óculos

Y IINUMA & CIA. LTDA.

forneceu o gravador de som

Declaro com simpatia e entusiasmo a participação do capital americano no desenvolvimento do nosso país, acho que devemos contribuir para que esta aliança se fortaleça e o Brasil se integre de maneira cada vez mais sólida no bloco ocidental assinado João Calmon.

Senhores vejam que coisa bacana, a pensamento de João Calmon, precisa todos pensar como êle para o Brasil ser grande **nacion** — bis

Já se acabou a grande dúvida, que pairava sôbre céu de anil, será Brasil dos Estados Unidos ou Estados Unidos do **Brasil** — bis

Mas não foi mesmo uma coisa ou outra foi decidido nem se usou o fusil, o nome certo agora é República Federativa do Brasil {
Brasil { bis

E os reais nacionalistas se sintam todos desoprimidos que pelo menos na nossa bandeira já se cortou Estados Unidos {
Unidos { bis

Diz que Brasil ter analfabetas, isto é mentira digo pra vocês, o povo unido lá do Amazonas mais da metade já aprendeu inglês {
inglês { bis

Há uma coisa que eu não gostar mesmo, ouvir dizer que o borracha é meu, não é meu não é dos estudantes e foi pra êles que a polícia deu e o fiscal do imposto de renda é uma coisa muito engraçadinha, obriga o homem a mostrar sua renda e a mulher a mostrar **rendinha** — bis e o americano faz cinema aqui, nós ajudamos a ganhar dinheiro e se o Tarzan é americano em compensação o índio é **brasileiro** — bis

E o Tarzan termina logo a fita, veste seu terno e logo vai se embora, e nosso índio que trabalhou tanto fica olhando com a bunda de fora {
de fora { bis

Mas o brasileiro é muito inteligente, e qualquer um pode se virar, mas se êle não entra pro quartel, então tem que trabalhar suar
suar {
suar { bis

E o artista do nosso teatro, faz sucesso só se isto é verdade puta que os pario morro de fome mas não digo puta que os pario.

As Próximas Feiras

O Teatro de Arena de São Paulo pretende dedicar êste ano e o próximo à realização de mais três Feiras de Opinião:

FEIRA CARIOCA DE OPINIÃO — muitos trabalhos já estão realizados, outros em fase de acabamento e alguns convites ainda serão feitos. Entre os artistas que participarão, podemos citar: Oduvaldo Vianna Filho, Dias Gomes, Nélson Rodrigues, Milor Fernandes, Antônio Callado, dramaturgos; Sydney Miller, Gutembert Guariba, Paulinho da Viola, Zé Ketí, João do Vale, Nélson Cavaquinho, compositores; Ziraldo, Fortuna, Jaguar, Vão Gogo, Zélio, caricaturistas. Esta FEIRA CARIOCA deverá estrear no Rio de Janeiro, em setembro dêste ano, no Teatro João Caetano.

FEIRA LATINO-AMERICANA DE OPINIÃO — diversos dramaturgos já foram convidados em vários países latino-americanos. Paco Urondo, da Argentina, foi o primeiro a entregar seu trabalho intitulado "Sainete con Variaciones". Serão também incluídos Jorge Diaz (Chile), Francisco Tobar Garcia (Equador), e espera-se a confirmação de dramaturgos e compositores do México, Uruguai e outros países.

FEIRA MUNDIAL DE OPINIÃO — deverá estrear em São Paulo no segundo semestre do próximo ano. Muitos dramaturgos já foram convidados e deverão participar com textos curtos. O tema desta Feira ainda não foi determinado e será escolhido de comum acôrdo com os participantes: Peter Weiss (autor de Marat-Sade), Bárbara Garson (MacBird), John Osborn (Recordando com Ira), Armand Gatti (V Comme Vietnan), Jack Gelber (The Connection), e outros.